# Imigração portuguesa em São Paulo: memórias, gênero e identidade

*Maria Aparecida Macedo Pascal*
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Falar da imigração portuguesa constitui "o resultado histórico de um encontro entre o sonho individual e uma atitude coletiva".[1] Essa frase sintetiza a importância das histórias de vida para entender o conjunto das experiências humanas no processo histórico, ou a articulação existente entre os indivíduos e as transformações sociais. Pode-se dizer que, se as pressões agem sobre os indivíduos, estes elaboram essas pressões de acordo com sua experiência pessoal, transmitida por gerações através das tradições.

Nossa pesquisa procurou dar voz às imigrantes portuguesas que chegaram ao Brasil entre as décadas de 1920 e 1950. As imagens, as questões, os valores e a reconstrução de suas trajetórias estão carregadas de significados, já que a memória seleciona o que lhe parece relevante. Na construção das fontes orais, sugeriu-se na entrevista enfatizar pontos tais como as atividades da família antes de vir para o Brasil, a infância, a mocidade e as lembranças da terra, a viagem, as redes sociais, a chegada, os primeiros tempos, os contatos com a comunidade portuguesa, o cotidiano, a família, o casamento, os filhos, as tradições preservadas, a volta a Portugal e a avaliação da trajetória de toda uma vida passada no Brasil.

---

1 PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de emigração 1850-1930*. Lisboa: Regra do Jogo, 1981. p. 9.

Ao longo desses relatos pode-se repensar a história da imigração privilegiando a experiência e o olhar feminino sobre esse processo. Abrem-se, assim, novas páginas de uma história não desvendada da imigração: a história dos grupos de imigrantes foi "principalmente documentada de fora, como um problema social". Uma abordagem de dentro do processo, através dos relatos de vida, com certeza vai se tornar mais interessante. Embora as pressões econômicas e sociais influenciem as decisões para emigrar, o testemunho resgata as redes sociais, as negociações familiares e todo o imaginário social que envolveu esses imigrantes. Contar uma estória é tomar as armas contra a ameaça do tempo, é resistir ao tempo ou controlar o tempo. Contar uma estória preserva o narrador do esquecimento; a estória constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro.

Portanto, a história de vida é algo vivo, pulsante, em que os narradores examinam seu próprio passado enquanto a narrativa flui. As entrevistadas deste estudo passam a falar de suas vidas e suas memórias.

Maria Armandina Ferreira Marques, 88 anos, viúva, nasceu em Lisboa e chegou ao Brasil em 1948, com 33 anos. Carminda Domingues Macedo, 88 anos, casada, nasceu no Estoril, em Lisboa. Chegou ao Brasil em 1924, com sete anos. Delmina da Conceição Lourenço Gonçalves, 71 anos, casada, nasceu em Bragança, Trás-os-Montes. Chegou ao Brasil em 1959, com 44 anos. Maria Joaquina Pedrão, 88 anos, solteira, nasceu em Talhas, Macedo de Cavaleiros, Trás-os-Montes. Chegou ao Brasil em 1928, com sete anos. Maria Marques Lopes Varanda (Maria Silvina), 78 anos, viúva, nasceu em Gramantinha, Coimbra. Chegou ao Brasil em 1929, com quatro anos.

## LEMBRANÇAS DA TERRA: INFÂNCIA E MOCIDADE

Nos depoimentos, percebeu-se que essas famílias eram ligadas à agricultura; mesmo as que viviam na zona urbana tinham raízes no campo. A presença marcante do trabalho feminino rural, em Portugal, já mencionada por viajantes e historiadores, torna-se bastante significativa nas falas das depoentes, como recorda Dona Delmina: "Em Portugal a família assim como eu eram

lavradores...". Com a emigração masculina, a maior parcela do trabalho era realizada pelas mulheres, que assumiam todas as funções: criação dos filhos, subsistência, manutenção da propriedade, pagamento de hipotecas. Dessa forma, coordenavam toda a vida familiar, como demonstrado no depoimento de Dona Carminda: "A minha avó tinha casa, tinha terras, tinha oliveiras, muitas figueiras, enfim, uma porção de árvores frutíferas, mas não tinha dinheiro, não havia dinheiro, era difícil dinheiro e ela tinha cinco filhas e elas não queriam mais viver nessa vida de enxada, de trabalhar na terra".

A emigração familiar trouxe para o Brasil grande parte dessas famílias que, por razões culturais e econômicas, pensavam haver grandes possibilidades e oportunidades de melhoria de vida em novas terras, contribuindo, para tanto, o farto imaginário social sobre a emigração. A infância, diferentemente do contexto contemporâneo, não era uma fase dedicada ao estudo, à socialização da criança, às brincadeiras e ao lúdico, mas voltada para o trabalho. Quando viviam na zona rural – Trás-os-Montes, Beira Alta, Beira Litoral, Minho –, esse traço era ainda mais evidente. O trabalho era visto não só como um auxílio à subsistência, mas também como um elemento formador do caráter, que preparava as crianças em profissões artesanais ou no campo, na prática da lavoura. Portanto, o trabalho na infância era importante para que no futuro essas crianças tivessem um meio de vida. As funções eram quase familiares nessas pequenas comunidades. Particularmente no caso das meninas, o estudo não era prioridade, pois elas deveriam ocupar e desenvolver seus papéis sociais na vida doméstica ou nas atividades rurais familiares, voltadas para o mundo privado.

Nas falas das depoentes esse aspecto evidencia-se. Dona Delmina afirma: "A relação com os pais era severa, mas só com o trabalho. Fui à escola, mas os meus tios, infelizmente, como eu trabalhava em casa, era muito trabalhadora, não me deixaram fazer nem os cursos que a gente queria. Só fiz até a terceira classe ... Era eu que trabalhava com os pais".

As lembranças familiares são reavivadas à luz dos julgamentos que fazem hoje sobre o passado. A memória do indivíduo no grupo conta menos que a pessoal, que pode ser mais rica e profunda. Em nenhum outro lugar da vida social a convenção importa menos. Julgamos um parente pelo que ele é na vida diária, e não por seu *status*, dinheiro, prestígio. A face que ele mostra a outros grupos não é a mesma que se expõe ao julgamento concreto dos seus.

As depoentes expressam esses significados falando de um tempo de dificuldades econômicas, obrigações, controle, mas carregado de afeto, laços sociais, folguedos e histórias familiares que tornam a infância um período de trabalho árduo, mas também uma fase lúdica. Nesse sentido, dona Delmina afirmou: "Mas fazíamos uma casa muito boa e comida não faltava...". Já dona Carminda afirmou: "Minha vida em Lisboa foi muito feliz ... As lembranças que eu tenho de lá são ótimas ... A gente se reunia na frente da casa da minha avó com as amiguinhas, dançava, fazia roda...".

Estas lembranças mostram a dimensão que algumas figuras familiares tinham e ainda têm nas histórias de vida. Ficam fixadas na memória pelo gesto de amizade e pela melhor face que demonstraram no período em que viveram juntos.

O lazer estava vinculado à família, aos grupos primários e às festas religiosas ou folclóricas, sempre sob o controle familiar. Em Portugal, o trabalho feminino, tanto no campo como na cidade, constituía-se no esteio da produção.

## POR QUE EMIGRAR? A VIAGEM, A CHAMADA E O ACOLHIMENTO

Os baixos salários e as dificuldades do desenvolvimento industrial português, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, levaram segmentos urbanos a ver na emigração, mais uma vez, a alternativa para uma melhor condição de vida. As redes sociais e o imaginário social sobre a imigração atuaram de forma expressiva para esse desfecho. As formas de acolhimento funcionavam como suporte para conseguir habitação e trabalho no destino escolhido. Em todas as falas das depoentes, os pais vieram antes, incentivados por parentes e amigos da terra. Como corolário, imigrantes transformaram-se em transmigrantes quando construíram em campos sociais a sociedade de origem e a de recepção, numa construção social única.

Dona Maria Joaquina relembrou: "Tínhamos amigos, gente da terra que morava lá. O meu pai veio com meu irmão e a minha mãe ficou com os menores lá em casa". Nas memórias aparece também um dos estímulos para a emigração masculina, que era a fuga do serviço militar. Muitos rapazes entre

14 e 15 anos eram chamados pela família e amigos, e alguns deles emigraram clandestinamente para fugir das obrigações militares.

Dona Maria Marques recordou: "E os meus tios vieram depois, fugidos dos soldados. Ah! Mas isso era comum naquela época, porque lá eles tinham que fazer o quartel, então eles vieram para fugir do serviço militar".

A carta de chamada está presente nas memórias de todas as depoentes. Como a emigração espontânea não contava com apoio e subsídios do governo, necessitava da estrutura das redes sociais. Em todos os casos, os homens vinham na frente e posteriormente, quando já podiam garantir moradia e trabalho, traziam a família.

Dona Carminda acrescenta: "Meu pai veio na frente e minha avó trouxe o meu irmão, e eu fiquei com minha mãe lá na aldeia, à espera da carta de chamada do meu pai...".

A emigração espontânea tinha também outro aspecto: o ir e vir, que aparecem em alguns relatos. Na família de Dona Carminda, a avó viúva veio ao Brasil cinco vezes, trazendo para o país toda a família. No caso da família de Dona Maria Joaquina, o pai e a mãe já tinham vivido um ano e meio no Brasil e retornaram a Portugal. Voltaram 14 anos depois para se radicarem definitivamente no país. Nos relatos, a viagem aparece como uma travessia, na maioria das vezes, precária. Os navios, em geral, eram velhos, e os imigrantes viajavam na terceira classe, sofrendo com doenças e com a ausência de conforto. As falas de Dona Maria Joaquina e Dona Delmina relataram esses fatos: "Esse navio era um cangalho! Minha mãe passou mal, ficou doente no navio...".

Dona Maria Marques lembrou: "era um navio muito bom, uma Companhia Alemã". Apesar das melhores condições, as crianças corriam perigo. Dona Carminda recordou: "eles faziam umas brincadeiras e eu era levada, fui atravessar na frente deles e me espetaram a vista. A minha mãe desmaiou". Dona Maria Joaquina lembrou: "Segurava assim, ficava no convés do navio e olhava os tubarões em alto mar. Parece que eu estava hipnotizada... Mas eu podia ter caído, acho que Deus guardava a gente".

As viagens, mesmo realizadas por navios novos e mais rápidos, continuavam cheias de imprevistos para os que atravessavam o Atlântico em busca de vida melhor. A chegada ao Brasil, segundo a fala das depoentes, foi calorosa pela presença dos parentes e do marido.

# "O PAÍS DAS POSSIBILIDADES"

O Brasil era idealizado como uma terra de oportunidades, com grandes possibilidades de enriquecimento e liberdade. No contato cotidiano, contudo, as condições mostravam-se diferentes. A chegada significava também a "busca de uma identidade a ser construída, no processo de elaboração de uma nova situação de vida". O começo de vida desses imigrantes envolveu grandes sacrifícios, embora muitas vezes as redes sociais atuassem como amparo nos primeiros tempos. O trabalho de padeiro, entregador de pão, alfaiate, costureira e empregada doméstica estão em todas as falas das depoentes. A decepção com o contexto encontrado se tornou evidente.

Dona Delmina afirmou: "A gente pensava que era um mar de rosas, que era um céu ... Foi bem difícil, e fiquei decepcionada um pouco...". Dona Maria Joaquina, por sua vez, lembrou-se da mãe: "Aqui ela só chorava e ficava muito triste, estava muito triste de ter deixado a casa dela, muito deprimida. Ela queria dar as coisas pra gente, às vezes não podia, levávamos uma vida apertada". Longe dos sonhos, as condições de sobrevivência para esses imigrantes não correspondiam ao imaginário. A vida em São Paulo nos bairros pobres, tais como Barra Funda, Bom Retiro, Mooca e Bexiga, onde a massa de imigrantes se concentrava, em virtude de dificuldades de higiene, insalubridade, enchentes, ausência de transportes e de outros serviços públicos, tornava extremamente difícil o cotidiano das famílias imigrantes. Para muitos, ficavam bem evidentes a perda de *status* e as duras condições de vida, longe do "Eldorado sonhado". As depoentes que chegaram ao Brasil crianças – Dona Maria Joaquina, Dona Carminda e Dona Maria Marques – freqüentaram a escola primária por pouco tempo, e ingressaram muito cedo no mundo do trabalho.

Dona Maria Joaquina recordou: "Fui trabalhar de babá, de empregada ... Eu precisava pôr um banquinho para ajudar a lavar a louça".

Dona Maria Marques ajudava seu pai na padaria. Dona Carminda foi operária, bordadeira e, depois que seu pai se estabeleceu com um armazém na Barra Funda, o ajudava no balcão. Dona Maria Joaquina trabalhou como doméstica, aprendeu costura e viveu grande parte de sua vida trabalhando para as famílias da elite paulista, fato que lhe possibilitou o conhecimento de vários países da Europa e da América Latina, além de diversas cidades do Brasil. A pre-

ferência pelas criadas portuguesas nas famílias da elite paulista justificava-se por apresentarem qualidades tais como serem de confiança, trabalhadeiras e caprichosas, além de terem melhores padrões de higiene. O mesmo ocorreu com uma tia de Dona Carminda, Maria Augusta, que era governanta de uma família de posses, com a qual viajou para os Estados Unidos. Pode-se perceber o alto padrão econômico desfrutado pela elite paulista na época, que se fazia acompanhar de empregados nas viagens internacionais. Evidencia-se também o grau de confiança que esses empregados conquistaram em seu trabalho.

Apesar das oportunidades de viagens e aprendizados, as relações entre patrões e criados eram vistas por uma ótica paternalista, que incluía um elevado nível de exploração. As famílias imigrantes empregavam suas filhas em casas de família como estratégias de sobrevivência. Dessa forma, além do salário, elas teriam casa, comida e gozariam da confiança e do apoio dos patrões. Nas memórias dessas imigrantes, percebe-se que o casamento e o lazer estavam em grande parte restritos aos contatos com a colônia portuguesa.

O lazer era raro e o controle familiar era muito acirrado. O rádio, os filmes durante o catecismo na igreja e as festas nos clubes de bairro ou na colônia, sob o olhar vigilante da família, foram lembranças guardadas do tempo da mocidade. Os contatos com a colônia portuguesa eram feitos nas festas religiosas, no Clube da Portuguesa, no Centro Trasmontano ou, no caso de necessitarem de assistência médica, quando por vezes buscavam a Beneficência Portuguesa e outras organizações de socorros mútuos para serem atendidos. Essas grandes associações mutualistas eram dirigidas pela elite imigrante. Nos depoimentos, contatou-se que os casamentos, em sua maioria, eram realizados com compatriotas e parentes. Entre as depoentes, apenas Dona Carminda casou-se com um brasileiro. Dona Maria Marques recordou como conheceu seu marido: "Ele era português ... Eu conheci meu marido porque os pais eram conhecidos em Portugal ... Você sabe que naquele tempo os pais não gostavam muito de mudança de nacionalidade e meu pai achou que era bom...".

A rigidez e o controle sobre os filhos vinham da própria experiência dos pais enquanto filhos. Presos à moral de pequenas comunidades no interior de Portugal, exercitavam as mesmas práticas vividas na juventude. Dona Delmina comentou: "O meu marido é um caso interessante. Nós éramos vizinhos e somos primos de segundo grau, eu conhecia ele desde criancinha...". Havia, portanto, uma sociabilidade restrita. A Casa de Portugal e o Clube Por-

tuguês eram locais reservados para a elite imigrante e pouco freqüentados por pessoas comuns. A sociabilidade passava por relações de classe e poder.

## AS TRADIÇÕES E O RETORNO

A preservação das tradições, da culinária e das reuniões em família é fato presente em todas as histórias de vida. As rabanadas do Natal, os pratos variados com Bacalhau, os doces portugueses, as músicas, os programas da colônia pelo rádio, a leitura dos jornais portugueses ou da colônia aparecem em todos os relatos. Esse passado preservado e reinventado funcionava como paliativo para o desenraizamento causado pela emigração. Como a *madeleine* proustiana, evocava-se pelos aromas e pelos sons a visão da terra natal. As memórias eram realimentadas pela prática de tradições, culinária, família, música e religiosidade. Os contatos com os parentes em Portugal por cartas, telefone e cartões foram constantes. Todas retornaram a Portugal. Dona Maria Marques recorda: "Quando fomos com meu pai, alugamos uma casa por um ano e meio".

Dona Maria Joaquina lembra: "Fui em 1964, em Portugal, fiquei quatro meses, ia em todo lugar com meus tios, para as hortas, eram maravilhosas. Tinham aquelas figueiras enormes, com aqueles figos pretos e brancos. Eu me lembro de tudo isso...".

O regresso era feito numa situação favorável, com conforto, buscando recuperar as lembranças familiares e a paisagem deixada na infância e mocidade. Essas imagens da terra natal foram convertidas em canções, narrativas e poesias que expressavam os sentimentos desses imigrantes. Daí o retorno significar muito na construção cultural da saudade. No retorno a Portugal os parentes são presenteados com muitas lembranças trazidas do Brasil.

Faz parte da cultura imigrante despender tempo e dinheiro coletando presentes a serem enviados anualmente para parentes em Portugal, e na fala de Dona Delmina esse fato aparece: "Eu levo uma lembrancinha pra todos. Meus irmãos ganham tudo".

Os imigrantes reafirmam a mobilidade alcançada no Brasil e o reconhecimento e apreço em suas pequenas comunidades pela prática do envio de

presentes, símbolos do *status* adquirido, mas também da afetividade e da saudade familiar.

Em todas as histórias de vida percebe-se uma avaliação positiva da vinda para o Brasil. O sonho de emigrar, apesar de todos os sacrifícios e dissabores dos primeiros tempos, teria sido válido. Uma condição de vida melhor na velhice, filhos e netos educados, a constituição de negócios (empresas) familiares e um regresso se não vitorioso, pelo menos numa situação bem diferente daquela enfrentada no passado, reforça o mito do Brasil como uma terra de possibilidades.

A presença de Portugal no cotidiano dessas imigrantes reafirma-se pelas redes sociais de parentesco e pela saudade, vivendo entre duas pátrias, lá e cá, realimentando o mito e avaliando a experiência coletiva através do foco individual.

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um dos seus membros e constituem uma memória una e diferenciada. Trocando opiniões e dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. E esses vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual.

Essas narrativas nos conduziram a páginas de uma história viva, comovedora, buscando o olhar feminino sobre as trajetórias e sobre o processo da imigração portuguesa na cidade de São Paulo.